

Singularidades, santos e analistas

Mario Binasco

Prelúdio para a III Conferência Europeia Madrid Julho 2023

Fomos convidados a trabalhar sobre o tema "A Ética da Singularidade": obviamente com o pressuposto de que isto permitirá nos dedicarmos melhor aos desafios das questões da ética que consideramos nossa, a ética da psicanálise. O título, utilizando o artigo definido, "a" ética, parece convidar-nos a falar desta ética no singular: haveria então apenas uma ética da singularidade? Nesse caso, devemos pelo menos mostrar como se insere na ética da psicanálise, ou melhor, como a ética da psicanálise seria um caso particular desta ética; a ética do bem-dizer é uma ética que poderíamos chamar "da singularidade"? E se houvessem várias éticas da singularidade? Afinal de contas, a questão não parece manifestamente infundada.

Mas, como argumentou Lacan, antes de trabalhar nas respostas, é necessário situar as questões. Como situar aquela que constitui o nosso tema?

A forma que escolhi foi partir dos três registos Real, Simbólico e Imaginário, para questionar, antes do termo "ética", o termo de "singularidade".

Um primeiro significado em uso de 'singularidade', mais ou menos atual nas nossas várias línguas, situa a singularidade no Imaginário. Singularidade é equivalente a "ser" "singular" no sentido de parecer ser assim: a singularidade diria respeito à forma de se apresentar: colocar uma imagem "singularmente" diferente do que é comum, inédita, uma imagem que é "única" num campo de comparação e serialização: uma excentricidade que resulta de processos de comparação entre formas diferentes ; esse tipo de "singularidade" pode ser buscado (como também indica o termo [de elegância] "procurado": que, no entanto, tem um significado mais estético do que ético). A obtenção deste tipo de "singularidade" pode ser propositadamente voluntária como um objetivo ou um fim, mas podemos realmente dizer que ela fundamenta ou qualifica uma ética? "Originalidade" é outro nome para isso: pode-se querer ser "original", e tornar-se um, no sentido de poder ser considerado como tal, ser visto como singular: mas essa suposta singularidade precisa do olhar dos outros a ser obtido. "Original" não é "originário".

Um outro sentido de singularidade é mais simbólico, embora não estranho ao imaginário: é a singularidade ligada ao fato de ser "primeiro", de vir "primeiro", vinculado ao Um como primeiro e valor máximo de uma série. Há "singularidade" nesse sentido porque "só" fulano fez tal descoberta, que só fulano ganhou tal corrida ou alcançou tal recorde, ou porque só fulano pode ser Presidente da República em tal tempo e, portanto, ocupa um cargo ou uma função de forma "única". Assim, junta "singularmente" o seu próprio nome - que já tem a função de o tornar único - a esta característica única que pode vir a fazer parte do seu próprio nome: o descobridor da América, o inventor do telefone, o vencedor do campeonato, o descobridor da penicilina, etc. Este traço único e singular pode ser usado como seu próprio nome. "Fazer um nome" dessa forma também pode ser proposto à vontade ou ao desejo do sujeito como um fim fundamental para ele: mas em que sentido esse desejo especificaria uma ética?

A reflexão filosófica e sobretudo teológica dos últimos milênios sempre se mediu diante do problema que o singular coloca ao pensamento da totalidade, da universalidade e da necessidade: o singular tem em si algo que se opõe à inclusão na necessidade, assim como se opõe à inclusão na totalidade, porque ele é uma exceção para ambos: de fato, é sempre ao singular que a questão da liberdade se refere.

A tradição filosófica tem lutado sobre o princípio da individuação das realidades ou seres individuais porque o princípio formal, o simbólico da forma (em oposição à matéria) não poderia produzir o conhecimento da singularidade do indivíduo: Aristóteles dizia que não existe singular na ciência? Os discípulos de um dos filósofos-teólogos mais comprometidos com esta busca, Duns Scotus, cunhou o termo "haecceitas" ("essa coisa") para designar o que torna essa coisa... ser esta coisa, e assim estabelecer sua singularidade: uma operação que não é inútil, porque assim designamos um lugar, o lugar dessa singularidade afirmada como própria ao ser real. A pergunta de Duns Scotus aponta para a singularidade não na medida em que é adquirida ou pode ser adquirida, mas para a singularidade como precedente, como condição real do ser na medida em que é irreduzivelmente individual: ao custo de ser indizível ou de não produzir uma articulação de saber que responda a esta singularidade irreduzível, o que permanece uma suposição.

Mas acredito que se nós psicanalistas quisermos questionar o possível valor ético do termo da singularidade, devemos nos voltar para o que ela significa no campo e no registro do real. Isso é no campo da ciência que a singularidade é estudada como real.

Desde o final do século XIX, particularmente com Maxwell e Poincaré, no início dessa revolução científica que levou à subversão da imagem do campo da realidade física, a noção matemática-física da singularidade adquiriu um lugar fundamental.

Em matemática, "singularidade" é o termo utilizado para indicar um elemento de um conjunto, ou um ponto num campo, que não goza das propriedades comuns aos elementos genéricos do próprio conjunto: embora pertença ao conjunto, não é descrito pelas funções que descrevem o conjunto.

Ainda no contexto da mecânica pré-relativista, Maxwell dá o exemplo de uma rocha empurrada muito lentamente sobre a borda de um barranco: uma situação quase estática que se transforma numa situação muito dinâmica após uma mudança imperceptível: a borda do barranco é uma singularidade. Mais tarde, na reformulação relativista do electromagnetismo e da gravitação, a singularidade torna-se, de uma vez, um objeto e um instrumento teórico indispensável.

Uma singularidade na física representa um ponto em que as equações que descrevem o campo perdem o seu significado: por exemplo, na teoria da relatividade geral, nas proximidades da singularidade a curvatura do espaço-tempo tende ao infinito e a densidade da matéria atinge valores tão elevados que provoca um colapso gravitacional do espaço-tempo.

O exemplo mais famoso de uma singularidade na física é o buraco negro, que é chamado de "singularidade nua": uma região onde a gravidade é tão elevada que curva tanto o espaço-tempo que nada do seu interior pode escapar, nem mesmo a luz. No centro do buraco negro há uma singularidade cercada pelo

chamado horizonte de eventos, uma região sem retorno, além da qual não é possível voltar, muito menos se comunicar com o mundo exterior. Alguma forma de inacessibilidade e irreversibilidade caracteriza estas singularidades da física.

Podemos adivinhar por que uma "teoria da catástrofe" se desenvolveu a partir destes estudos: nos movemos num espaço povoado por descontinuidades radicais em que as leis comuns e regulares do conjunto não se aplicam, uma vez que a aproximação de uma singularidade implica uma descontinuidade abrupta, uma catástrofe no sentido literal.

Sem querer forçar analogias, noto apenas que a ciência, então, olha para a singularidade não como um ponto ideal, um objetivo a construir, um fim a alcançar, algo a ser conquistado e que pode estar à nossa disposição: considera-a antes de tudo como uma condição estrutural do espaço em que o sujeito já não sabe como se mover, um ponto da realidade em que como sujeitos ou agentes somos incluídos e aprisionados, um ponto de real com o qual nos deparamos e que nos impõe uma inversão (catás-trofe, sub-versão) no nosso modo de nos relacionarmos com o nosso próprio movimento. A singularidade é a característica de todos os pontos em que o real nos captura, nos imobiliza, sem que possamos agir sobre ele porque não existem pontos externos sobre os quais nos possamos nos apoiar ou nos referir.

A singularidade é a característica estrutural de tudo aquilo de que dependemos como sujeitos no ponto em que não podemos nos apoderar porque é o real que se apodera de nós, e não obedece às nossas manobras de sentido. É portanto o ponto e a condição de estarmos sozinhos e sem companhia, porque descobrimos que essa singularidade somos nós mesmos. Não parece difícil, neste momento, reconhecer uma certa afinidade que o discurso psicanalítico, a partir da noção de inconsciente, tem com este tema de singularidade.

Se lermos agora como Lacan introduz o inconsciente real no Prefácio à Edição Inglesa do Seminário 11:

"Quando o esp de um laps - ou seja, visto que só escrevo em francês, o espaço de um lapso - já não tem nenhum impacto de sentido (ou interpretação), só então temos certeza de estar no inconsciente. O que se sabe, consigo. Mas basta prestar atenção para que se saia disso. Não há amizade que esse inconsciente suporte".

não temos a nítida impressão de que ele fala de uma singularidade: de aborda-la, nela se incluír, dela sair?

Mas muito antes mesmo da introdução do inconsciente real, muitas noções psicanalíticas que Lacan reinterpretou, retrabalhou ou reinventou para dar conta do real da estrutura sobre a qual opera a psicanálise, parecem descrever singularidades.

Em primeiro lugar, a noção de 'lugar' - coessencial à do simbólico - e a de 'ocupar um lugar', as relações entre o lugar e o seu ocupante, tocam na questão da singularidade.

Depois, o recurso frequente de Lacan à noção de buraco, que é um tipo de singularidade. Em particular a afirmação de que a verdade não pode ser toda dita, o ponto em que, como ele diz "a verdade toca o real", evidentemente designa uma singularidade.

Também aqui, as várias noções a que Lacan recorreu para responder à questão da identidade: a emergência do sujeito no Outro, as dificuldades encontradas na teorização da identificação, bem como a função do nome, de "nomear", de receber um nome, de fazer-se um nome para si próprio; mas sobretudo a necessidade destas funções, o seu carácter necessário em relação à necessidade da divisão do sujeito: todos estes termos constituem o entorno de uma singularidade fundamental? A experiência da divisão subjectiva não é aquela em que o sujeito tropeça na sua própria singularidade, na singularidade real que ele é para si próprio e não na singularidade imaginária que ele é sob o olhar dos outros? E a própria noção de coalescência do sujeito do inconsciente com o corpo falante não interroga estas duas noções como constituindo uma única singularidade real?

Mesmo o 'Um-todo-sozinho' o « Um sò » que ele introduz em *Mais ainda* é difícil de não o fixar com o termo 'singularidade': singularidades fora de escala, fora de série, fora de comparação, fora de classe ou fora de espécie.

A própria noção, tão fundamental, do *ato analítico* não teria o valor que tem se não se referisse a este campo da singularidade da estrutura e do sujeito.

Como sabemos, a interrogação lacaniana sobre a singularidade-sujeito e a singularidade-discurso analítico culmina com a noção de sintoma/sinthoma, com a função que Lacan lhe atribui no enodamento subjetivo singular.

Sobre estes temas e nesses anos, Lacan faz dois desenvolvimentos que devemos bem chamar 'singulares' e que creio serem inescapáveis se quisermos pensar na questão da ética da singularidade.

O primeiro desenvolvimento é o relativo à singularidade de Joyce, que Lacan chegou ao ponto de renomear 'Joyce-o-sintoma': Lacan dedicou pelo menos duas conferências a este desenvolvimento, para além de um seminário inteiro.

O segundo desenvolvimento, por outro lado, consiste apenas em algumas declarações, mas bem formuladas que sejam, que antecedem as conferências sobre Joyce, mas às quais Lacan se referiu expressamente numa das conferências sobre Joyce, de modo a ligar os dois desenvolvimentos. São as declarações em *Televisão* que 'situam' o psicanalista em relação ao que outrora foi 'o santo': declarações que foram retomadas e completadas na conferência sobre Joyce: foram, contudo, precedidas por algumas outras declarações feitas no Seminário *Mais ainda* sobre Freud e a sua caridade ao imputar um inconsciente a cada um: recordemos que o inconsciente que Freud imputa a cada um é um inconsciente singular, e não um inconsciente colectivo como o de Jung...

Creio que estes desenvolvimentos sobre o santo, sobre o psicanalista como santo, sobre a sua relação com a caridade, particularmente a de Freud, etc., merecem ser retomados e questionados como um momento sério no trabalho de Lacan: até porque neles podemos encontrar importantes assim como raras percepções sobre a relação entre a ética psicanalítica e a singularidade. Não há dúvida, de fato, que quando falamos do santo/analista estamos no campo da ética (a ética - lembremo-nos - do bem-dizer), tal como estamos no campo da singularidade: o que poderia ser mais singular do que o ato do analista, e o que poderia ser mais singular do que a operação que o santo realiza e que merece a celebração do seu nome no calendário? "É que não existe uma via canónica

para a santidade, a despeito do querer dos santos; não há via que os especifique, que faça dos Santos uma espécie”.

Não há nenhum caminho canônico que o santo possa seguir como sujeito, ou seja, um caminho que ele possa seguir para alcançar a santidade: se houvesse, os santos seriam uma espécie: enquanto que são necessariamente singularidades. Pelo contrário, querer ser santo sujeitá-los-ia à tentação do 'escabelo', do *escabeau*: seria de fato um caminho, mas o caminho mais seguro de não ser santo - e portanto de não agir como tal: “Só há santo a não se querer sê-lo, a se renunciar à santidade”. Lacan tinha dito em *Televisão*: “o santo não se considera cheio de méritos, o que não significa que não tenha moral”: pergunto-me: se ele se acreditava ter méritos, saberia ele “fazer-se passar por rebotalho”, uma operação necessária para que o outro, o sujeito do inconsciente, o possa tomar como causa do seu desejo? Pois é “da abjecção desta causa que o sujeito em questão tira a oportunidade de se encontrar pelo menos na estrutura”. Todas as afirmações que Lacan refere igualmente ao santo e ao analista e à sua forma de operar que derrubam, aquela “catástrofe” do sujeito que entra na singularidade da experiência analítica. Há aqui algo que merece ser explicado.

Revisão de tradução: Andréa H. Fernandes